



Literatura e deslocamentos decoloniais

Liliam Cristina Marins

Departamento de Letras Modernas, Universidade Estadual de Maringá, Avenida, Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: liliamchris@hotmail.com

EDITORIAL

O questionamento dos padrões epistemológicos que estruturaram a produção e a circulação dos textos literários tem ocupado lugar central nos debates contemporâneos da crítica literária. Nesse contexto, os estudos literários têm ampliado seus horizontes analíticos ao incorporar abordagens que articulam dimensões históricas, culturais e políticas na análise das obras e de seus contextos. As reflexões associadas ao pensamento decolonial têm desempenhado papel fundamental nesse movimento ao evidenciar a persistência de estruturas que são um legado da colonialidade nas formas de organização do saber e da cultura. Entre essas estruturas, destaca-se o eurocentrismo, entendido como um regime de produção de conhecimento que se apresenta como universal. Como observa Aníbal Quijano (2005, p. 123, tradução nossa¹), “[...] o eurocentrismo consiste numa perspectiva de conhecimento cuja pretensão de universalidade oculta seu caráter histórico e localizado [...]”, o que indica que determinadas formas de produção e legitimação do saber foram historicamente naturalizadas como universais.

No campo dos estudos literários, essas reflexões têm contribuído para deslocar perspectivas interpretativas consolidadas e ampliar os modos de compreender as relações entre literatura, história e cultura. A perspectiva decolonial, nesse sentido, propõe uma revisão crítica das estruturas epistemológicas que moldaram a produção e a interpretação das narrativas literárias. Como observa Catherine Walsh, a decolonialidade constitui “[...] um projeto político, epistêmico e ético orientado a questionar as estruturas de poder e de conhecimento herdadas da colonialidade” (Walsh, 2009, p. 16, tradução nossa²). Ao deslocar essas estruturas, a abordagem decolonial abre espaço para novas formas de leitura da literatura e de interpretação de seus contextos históricos e culturais. Nessa direção, a literatura pode ser compreendida não apenas como espaço de criação estética, mas também como campo de disputa simbólica no qual se confrontam diferentes regimes de representação, memória e produção de sentido. A partir desse enquadramento crítico, a análise literária passa a considerar não apenas os conteúdos das narrativas, mas também as condições históricas e epistemológicas que moldam seus modos de circulação, leitura e legitimação.

É nesse horizonte crítico, marcado pelas reflexões decoloniais sobre as relações entre conhecimento, poder e cultura, que se inscrevem as contribuições reunidas nesta seção. Como Walsh (2009) enfatiza, a decolonialidade deve ser compreendida não apenas como um campo teórico, mas também como uma prática crítica voltada à transformação. Neste sentido, os estudos aqui apresentados evidenciam como os textos literários participam da construção de imaginários, da problematização de estruturas sociais e da reconfiguração de narrativas que tensionam ou deslocam diferentes hierarquias. No âmbito da crítica literária contemporânea, essas reflexões têm contribuído também para repensar a forma de recepção de determinadas narrativas literárias, especialmente aquelas produzidas em contextos marcados pela marginalização. Tais reflexões permitem problematizar os processos por meio dos quais determinadas narrativas se consolidam como centrais nos sistemas literários, enquanto outras permanecem invisibilizadas.

Um primeiro conjunto de trabalhos explora as relações entre literatura, história e colonialidade, evidenciando como os textos literários participam da elaboração de imaginários culturais e da interpretação de processos históricos mais amplos. A análise do romance *Corentyne Thunder*, de Edgar Mittelholzer, investiga, por exemplo, as dinâmicas de privação e subalternidade que atravessam a experiência de um imigrante indiano na Guiana britânica colonial, revelando como a narrativa literária pode expor embates identitários e sociais produzidas pela lógica colonial. De modo semelhante, o estudo sobre a presença do

¹ No original: *El eurocentrismo consiste en una perspectiva de conocimiento cuya pretensión de universalidad oculta su carácter histórico y localizado.*

² No original: *[...] un proyecto político, epistémico y ético que busca cuestionar y transformar las persistencias de la colonialidad.*

carlismo espanhol na literatura russa demonstra como acontecimentos políticos e imaginários históricos atravessam fronteiras culturais e são reinterpretados em diferentes contextos literários. Ainda nesse eixo, o artigo dedicado à colaboração entre Virginia Woolf e Quentin Bell destaca as possibilidades criativas de uma produção intergeracional que tensiona noções tradicionais de autoria, infância e forma literária no interior da estética modernista.

Outro conjunto de trabalhos reúne reflexões que abordam a literatura como espaço de contestação de normas sociais e culturais, especialmente no que se refere às representações do corpo, do gênero e da subjetividade. A análise da monstrosidade na literatura latino-americana contemporânea mostra como autoras do continente mobilizam o fantástico como estratégia estética e política para denunciar processos de desumanização dirigidos às mulheres. Ao representar como ‘monstruosas’ experiências e subjetividades subalternizadas, essas narrativas tornam visíveis os mecanismos discursivos que invalidam determinadas vozes e experiências sociais. Como argumenta Gabriela Veronelli (2015, p. 113, tradução nossa³), “[...] a colonialidade da linguagem opera por meio de hierarquias comunicativas que desautorizam ou tornam inaudíveis certas formas de expressão [...]”, como a das mulheres.

É também nesse horizonte de contestação das hierarquias que se inserem os demais trabalhos deste eixo, que examinam como diferentes textos literários confrontam normas culturais e ampliam os modos de representação da experiência feminina. Esse movimento pode ser compreendido à luz do que Ramón Grosfoguel (2007) denomina de giro decolonial, entendido como um deslocamento crítico das “[...] pretensões universalistas da epistemologia ocidental e a abertura para um horizonte pluriversal marcado pela coexistência de múltiplas epistemologias” (Grosfoguel, 2007, pp. 211–212, tradução nossa⁴). Em diálogo com essas reflexões, o estudo sobre o projeto poético de RupiKaur evidencia como a poesia de autoria feminina constrói redes discursivas que interpelam os limites do cânone literário e os modos tradicionais de legitimação da produção literária.

A análise da obra *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende, propõe uma leitura crítica das representações da maternidade, colocando em xeque concepções naturalizadas do papel materno e mostrando como determinadas normas sociais e de gênero, frequentemente tratadas como universais, participam da reprodução de estruturas simbólicas que regulam as experiências femininas. Nesse conjunto de reflexões insere-se também a releitura da personagem Alice, de Lewis Carroll, interpretada como um corpo indomável diante das convenções sociais e dos regimes disciplinares que normatizam comportamentos e subjetividades, revelando os conflitos entre normatividade e resistência que atravessam a constituição do sujeito moderno.

Complementarmente, o estudo dedicado à poesia quéchua de Pilar Vilcapaza Masco evidencia a emergência de formas de autorrepresentação que articulam saberes andinos, espiritualidade e práticas culturais frequentemente marginalizadas pelos circuitos literários dominantes. Nesse sentido, tais produções literárias também apontam para a presença de epistemologias outras no campo cultural, reafirmando a necessidade de reconhecer a coexistência de múltiplas ontologias, como observa Lynn Mario Menezes de Souza ao afirmar que “[...] descolonizar o conhecimento implica reconhecer a coexistência de múltiplas epistemologias e modos de saber” (Souza, 2019, p. 129, tradução nossa⁵).

Por fim, a edição evidencia também a importância dos processos de circulação literária e das práticas que possibilitam a mediação e a difusão dos textos. Em um cenário marcado por assimetrias históricas na circulação da produção cultural, tais práticas assumem particular relevância ao possibilitar centralidade de obras produzidas em contextos frequentemente excluídos dos circuitos literários globais. A tradução coletiva do conto *O Menino na Árvore*, de Oscar Nakasato, para as línguas inglesa, espanhola e francesa aponta para o papel da tradução na ampliação do diálogo entre tradições literárias e para a circulação internacional de obras produzidas no Sul Global. Nesse mesmo horizonte de circulação e mediação cultural, a seção é complementada por uma resenha dedicada à obra *As pequenas doenças da eternidade*, de Mia Couto, que revisita temas recorrentes na produção do autor moçambicano, como memória, finitude e resistência.

Em conjunto, os trabalhos reunidos nesta seção revelam a vitalidade dos estudos literários na contemporaneidade e comprovam como a literatura permanece um espaço privilegiado para a reflexão crítica sobre as formas de poder, as experiências culturais e as múltiplas vozes que atravessam diferentes contextos históricos e sociais. Ao colocar em diálogo diferentes tradições literárias, contextos históricos e perspectivas

³ No original: *The coloniality of language operates through communicative hierarchies that authorize certain speakers and render others inaudible.*

⁴ No original: *[...] the universalist pretensions of Western epistemology and calls for a pluriversal world where multiple epistemologies can coexist.*

⁵ No original: *Decolonizing knowledge requires recognizing the coexistence of multiple epistemologies and ways of knowing.*

teóricas, os estudos aqui apresentados contribuem para ampliar os horizontes de leitura e para problematizar as classificações culturais e epistêmicas que historicamente estruturaram a produção e a circulação do conhecimento. Nesse sentido, reafirma-se o papel da crítica literária como espaço de reflexão capaz de colocar em debate narrativas hegemônicas e tornar visíveis experiências, saberes e formas de expressão frequentemente oprimidos pelos regimes coloniais.

Referências

- Grosfoguel, R. (2007). The epistemic decolonial turn: Beyond political-economy paradigms. *Cultural Studies*, 21(2–3), 211–223. <https://doi.org/10.1080/09502380601162514>
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In E. Lander (Org.), *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais* (pp. 107–130). CLACSO.
- Souza, L. M. M. (2018). Decolonizing knowledge and the question of plurality. In W. Mignolo & C. Walsh (Eds.), *On decoloniality: Concepts, analytics, praxis*. Duke University Press.
- Veronelli, G. (2015). The coloniality of language and the challenge of decolonizing translation. *Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*, 5(1), 108–134. <https://doi.org/10.5070/T451009503>
- Walsh, C. (2009). *Interculturalidad, Estado, sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época*. Universidad Andina Simón Bolívar.